

Originalmente publicado em: Actas do 6º Encontro Nacional (4º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração, Braga: Universidade do Minho, Outubro 2006

Santo António dos pequeninos: literatura e ilustração

Isabel Dâmaso*

RESUMO

Nesta comunicação pretende-se apreciar alguns exemplos de literatura infantil de tema antoniano, em diferentes géneros literários, com recurso à ilustração, em diversas modalidades: estampa, desenho, banda desenhada.

Tendo em conta que Santo António ocupa na memória colectiva portuguesa um lugar muito singular, é possível perceber, através dos exemplos abordados, a sua dimensão enquanto elemento simbólico no imaginário infantil, capaz de aliar a vertente de tópico literário e a potencialidade de representação iconográfica. O carácter exemplar da imagem transmitida, literária e pictórica, condicionada pela época de produção, assenta em episódios da vida e da taumaturgia do santo que, envoltos em maravilhoso, realçam a sua faceta humanista, veiculando valores como a bondade, a solidariedade, a tolerância e o pluralismo.

De forma a perceber melhor a evolução do tratamento da figura de Santo António na literatura ilustrada dirigida ao público infantil, segue-se uma perspectiva cronológica: desde 1895 até 1995 (VIIº e VIIIº Centenários do Nascimento de Santo António).

Podemos considerar que a figura de Santo António ocupa um lugar singular no imaginário cultural português, constituindo um caso particularmente interessante de formação e evolução de um mito histórico-religioso que permanece vivo na memória colectiva nacional. Ao longo do último século, a divulgação de muitos trabalhos de natureza diversa sobre esta figura ímpar da Igreja e da cultura portuguesa demonstra o processo de renovação que o fenómeno antoniano envolve, com expressão também no âmbito da literatura e da ilustração dirigidas às crianças, como formas de perpetuar no imaginário infantil a imagem de Santo António. Na verdade, a ligação de Santo António às crianças sempre foi bastante forte e encontra-se testemunhada na grande maioria destes trabalhos. Conta-se que, logo após a sua morte, as crianças rapidamente saíram à rua, lamentando: *Morto he o padre santo; morto he o Santo Antonio* (Boaventura, p.77). Mas este vínculo às crianças reporta-se, naturalmente, à sua experiência de vida,

* Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

pois através dos relatos da sua taumaturgia, com base nas fontes histórico-hagiográficas¹ que permitem também reconstituir o seu percurso biográfico, percebe-se que muitos dos milagres que terá operado ainda em vida visavam o auxílio, a protecção, a cura e a salvação de crianças com problemas, em perigo ou já mortas. Talvez esta tradição justifique o facto de o primeiro texto conhecido de teatro antoniano – *Auto de Santo António*, de Afonso Álvares –, no século XVI, versar justamente sobre um milagre que o santo terá realizado ao fazer ressuscitar uma criança morta após afogamento.

Também nas *Crónicas da Ordem dos Frades Menores* (p.157v), Frei Marcos de Lisboa relata a ressurreição da pequena princesa de Leão, episódio que estará na origem do romance recolhido da tradição oral do Algarve por Estácio da Veiga e divulgado também por Teófilo Braga. Este romance conta o milagre, divulgado a partir do *Liber Miraculorum*, que o santo terá operado ao fazer ressuscitar uma jovem princesa de onze anos, três dias após a sua morte, devido às insistentes súplicas dirigidas ao santo pela mãe da menina, uma rainha de Espanha de origem portuguesa. Este e muitos outros milagres que envolvem crianças chegaram até à actualidade através de testemunhos escritos e orais que evidenciam a atenção que Santo António sempre dedicou aos mais pequenos, protagonizando vários milagres. Como se sabe, muitos dos contos e das lendas tradicionais apreciados por adultos passaram a ser usados, na íntegra ou com adaptações, na educação moral das crianças e dos jovens. Apesar da polémica que pode causar o recurso à literatura tradicional com objectivos pedagógicos, tendo em conta sobretudo o risco de transmissão e de valorização de estereótipos sociais e culturais, são-lhe reconhecidas potencialidades formativas enquanto suporte cultural capaz de exercitar mecanismos relacionados com a memória, a imaginação e a magia. A figura de Santo António enquadra-se numa conjugação entre o real e a ficção, pois, sendo uma personagem com origem numa realidade histórica conhecida e que lhe confere autenticidade, transmite valores fundamentais para a formação do cidadão e convoca, ao mesmo tempo, processos relacionados com a fantasia e o maravilhoso.

Adolfo Coelho recolhe da tradição oral de Coimbra o conto intitulado “A afilhada de Santo António”, que relata a história de uma menina pobre protegida pelo santo que assume o papel de padrinho. Em 1895, no número 17 da *Revista Moderna do Semanário Ilustrado*, inteiramente dedicado a assinalar o VIIº centenário do nascimento do santo, publica-se, sem indicação de autor, este conto que relata a história de uma menina pobre que foi servir para casa do rei, como pajem da rainha. A pequena Antónia, disfarçada de rapaz, conforme lhe tinha ordenado o frade seu padrinho, começou a ser vítima de investidas apaixonadas da rainha. Como a jovem não podia corresponder a estes impulsos, a rainha pô-la à prova de variadíssimas maneiras, tendo a rapariga conseguido superar todas as dificuldades, pois sempre que se encontrava em apuros dizia: “Valha-me aqui meu padrinho!”, de acordo com outra recomendação que o frade seu padrinho lhe fizera. Por fim, descobriu-se que a rainha era infiel ao rei, que o pajem António era afinal uma bonita rapariga com quem o rei acabou por casar e que o verdadeiro padrinho de Antónia era Santo António que a protegeu durante toda a vida.

¹ Séc. XIII: *Vita Prima* ou *Assidua*; *Vita Secunda*; *Dialogus*; *Legenda Benignitas*; *Legenda Raimondina*; Primeiro quartel do séc. XIV: *Legenda Rigaldina*; Final do séc. XIV: *Liber Miraculorum Sancti Antonii*.

Afonso Lopes Vieira, com base neste conto popular mas com modificações no argumento, realiza o filme infantil *O Afilhado de Santo António*, interpretado por crianças e exibido pela primeira vez, com fins beneficentes, no Teatro Ginásio, na noite de 16 de Maio de 1928. Armando de Mattos inclui na sua colectânea (pp.76-179) este conto que revela algumas influências da obra de Grimm e que relata a história de um menino, nascido no seio de uma família muito pobre, que recebeu Santo António como padrinho pelo baptismo. Seguramente por este motivo, o menino viria a tornar-se prodigioso entre os seus irmãos e amigos. Um dia, quando brincava com os irmãos, distanciaram-se da casa dos pais, perderam-se pela floresta e acabaram por desembocar numa cabana onde vivia uma velha bruxa má que resolveu acolhê-los para os alimentar com o fito de vir a transformá-los num suculento petisco. Mas Santo António apareceu para milagrosamente possibilitar a sua fuga. De regresso a casa, as crianças depararam com um cartaz que anunciava a presença de um perigoso dragão naquela região e a recompensa que o rei oferecia a quem conseguisse matar o temível animal: a mão da princesa sua filha. O afilhado de Santo António decidiu que seria ele a realizar esta façanha, o que aconteceu de imediato. Enquanto celebrava esta vitória com os irmãos, um ilustre senhor da corte encontrou o dragão morto e apresentou-se junto do rei como tendo sido ele o valente caçador, com o intuito de casar com a princesa. Quando o rei estava prestes a entregar-lhe a filha, o afilhado de Santo António apareceu para repor a verdade, exibindo as orelhas do dragão que ainda trazia espetadas na lâmina com que o tinha morto. Reconhecido, o rei entregou a filha ao rapaz e surgiu Santo António para abençoar este casamento.

De facto, os efeitos protectores de Santo António sempre foram bem conhecidos e reconhecidos, revelando-se um fenómeno de polivalência de capacidades, já que usualmente cada santo tem virtudes específicas, e no caso de Santo António este abarca múltiplas prerrogativas, satisfazendo necessidades variadas dos seus devotos. No que se refere às crianças, a sua protecção também foi assumindo uma dimensão significativa, chegando o santo a ser designado como padrinho de muitas crianças², geralmente baptizadas no dia 13 de Junho, hábito que se estendeu até meados do século XX. Associada às crianças, conhece-se a expressão “Benza-te Deus e Santo António te guarde”, dita aos recém-nascidos, a partir do costume que se vulgarizou de benzer as crianças no dia da sua festa anual. Armando de Mattos dá conta (p. 57) de uma pequena oração recitada enquanto se benze a cama das crianças:

*S. Pedro disse missa
S. António benzeu o altar;
Benzei esta caminha
Que nela me vou deitar.*

Em finais do século XIX, foi retomada a tradição da bênção das crianças aliada à bênção dos pães, hábito que se instalou de distribuir pães aos pobres nas igrejas de Santo António. Esta prática teve origem em Pádua, no século XIV, quando uma mulher ofereceu trigo aos pobres, em peso igual ao do seu filho que Santo António salvara, ou melhor, fizera

² No século XVI, António tornou-se o nome masculino mais popular e frequente, ultrapassando o de João, na região de Lisboa, escolhido pelas famílias confiantes na protecção do santo para os seus filhos e afilhados.

ressuscitar, depois de ter caído a um poço e de se ter afogado. Em França, generalizou-se o costume de benzer o trigo *ad pondus pueri*, dado em quantidade igual ao peso da criança que se pretendia pôr sob a protecção do santo. A tradição da bênção e da distribuição dos pães mantém-se em muitos santuários antonianos dispersos por todo o país, onde ocorrem muitos devotos para levar o pão bento de Santo António, que recebem em troca de uma esmola para os mais necessitados. Na Igreja-Casa de Santo António, em Lisboa, os pequenos pães, envoltos em papel de seda, são elaborados e vendidos pelas crianças da Obra da Imaculada Conceição e Santo António³, para quem revertem as esmolas. A venda simbólica destes pães ocorre entre os dias 10 e 13 de Junho, e no ano de 2005 foram confeccionados e distribuídos cerca de seis mil pães, o que prova a actualidade e a dimensão desta tradição. Com sede na Igreja-Casa, funciona ainda a Associação dos Antigos Antonianos, o que resta da Juventude Antoniana, antiga associação juvenil criada em Braga em 1896, ligada à Pia União de Santo António fundada em Roma em 1894. A Ordem dos Frades Menores colocou ainda sob a protecção de Santo António outra obra importante: os Colégios Seráficos ou Seminários Menores Franciscanos, destinados a acolher alunos que, desde 1930, foram confiados a Santo António, por decreto do Ministro Geral da Ordem dos Frades Menores⁴.

Santo António recebeu também a capacidade de intervir na fertilidade, convicção que se desenvolveu sobretudo a partir do século XVII, quando o próprio santo terá aconselhado uma senhora nobre de Bolonha a visitar a sua imagem na igreja de São Francisco dessa cidade, durante nove terças-feiras consecutivas, ao fim das quais conseguiu engravidar, após vinte e dois anos de tentativas infrutíferas. Em Portugal, esta crença assumiu grande esplendor com o complexo de Mafra – Basílica, Convento e Palácio –, o maior ex-voto dedicado ao santo, mandado construir por D. João V, no início do século XVIII, como forma de agradecimento pelo nascimento de um herdeiro para o trono. Pode-se considerar que esta faculdade atribuída a Santo António tenha sido determinada pela coincidência de datas entre a festa consagrada ao santo e os festejos pagãos associados ao fenómeno do solstício de Verão, que os antigos relacionavam com a fecundidade e, em consequência, com o amor e o casamento, o que terá vindo também a conferir ao santo dotes de casamenteiro, a partir de meados do século XIX.

No século XVIII e na sequência de um dos acontecimentos nacionais mais dramáticos – o terramoto de 1755 –, Santo António vê reforçadas as suas capacidades protectoras. Surgem vários testemunhos de milagres que terá operado para salvar devotos, nomeadamente crianças e jovens, como se verifica num texto anónimo, impresso em 1757, que relata a salvação milagrosa de uma jovem de catorze anos que esteve nove dias soterrada, proferindo continuamente súplicas a Santo António. A relação do santo com as crianças estreita-se ainda mais na sequência das acções levadas a cabo pela população lisboeta com o intuito de reconstruir o templo do santo, bastante danificado pelos efeitos do terramoto e do incêndio que se lhe seguiu. Foram as crianças de Lisboa que recolheram grande parte dos donativos depositados nas caixas de esmolas e em altares espalhados pela cidade,

³ Também conhecida por “Meninas d’Ele”, instituição fundada pelo P^{re} Abel Correia Pinto, em 1953, que acolhe cerca de 100 crianças carenciadas, distribuídas por duas casas, em Caneças e em Dona Maria.

⁴ Já em 1554, D. João III e Dona Catarina inscreveram D. Sebastião, ainda criança, entre os confrades de Santo António.

prática conhecida pela expressão relacionada com “os cinco-réisinhos, o tostãozinho ou o cêntimo para o Santo António”⁵, tradição imortalizada no cinema português através do filme *Pátio das Cantigas*, produzido em 1942. A preparação cuidadosa destes altares deu lugar a outra tradição lisboeta que consiste na elaboração de tronos onde a figura principal é a de Santo António. A Câmara Municipal de Lisboa continua a promover o concurso de tronos, com o intuito óbvio de manter viva esta tradição de cariz popular.

Uma das formas de difusão e renovação do culto antoniano tem sido a comemoração dos centenários do nascimento, da morte e da canonização do santo, proporcionando um maior conhecimento sobre a sua vida, a sua taumaturgia e o culto que envolve a sua figura. Em 1895 celebrou-se o VII^o centenário do nascimento, cuja comissão organizadora preparou um programa repleto de actividades de homenagem. Uma das acções consistia numa Festa da Infância com destaque para a inauguração, no bairro Andrade, do Asilo-Oficina de Santo António, estabelecimento destinado ao ensino de ofícios a crianças pobres. Esta actividade contemplava também a oferta de uma refeição a todas as crianças dos restantes asilos de Lisboa, e a distribuição de prémios àquelas que se tivessem distinguido pela sua aplicação ao trabalho e ao estudo.

Um ano antes, mas já comemorativa deste acontecimento, o presbítero Fernando Thomaz de Brito lança *Vida e Milagres de Santo António de Lisboa*, uma edição ilustrada com gravuras da Typographia da Companhia Nacional Editora. Nas primeiras páginas, que dedica ao leitor, esclarece que esta obra constitui uma tradução enriquecida de um original italiano, do qual não dá indicações, e salienta que o seu objectivo principal é ampliar e enriquecer o conhecimento dos portugueses relativamente a esta figura nacional, insistindo na filiação do santo a Lisboa. O autor revela-se inovador ao querer modernizar o registo estético do texto através da força da imagem das estampas que introduz, e que permitem, segundo ele, tornar *mais palpável e perceptível* (p.7) a história do *nosso heroe* (p.9). As trinta gravuras que acompanham o texto estão assinadas por Pastor⁶ e ilustram os principais passos da vida e da taumaturgia do santo, sendo que as últimas cinco se referem a alguns locais e símbolos de culto (Basílica de Pádua, Igreja em Lisboa, relicário onde se encontra a língua do santo, efígie do santo). O relato, de pendor hagiográfico, desenvolve-se em tom laudativo e o narrador aproveita para exortar o patriotismo de Santo António, destacando sempre os milagres que operou em Portugal, quer em presença, quer à distância. Não sendo esta obra dirigida especificamente ao público infantil, mas sim ao público em geral, como era frequente na época, podemos compreender que terá sido um marco importante na literatura antoniana, sobretudo pela inclusão da imagem que acompanha o texto. Somos levados a pensar que esta obra terá sido do agrado de leitores de qualquer idade, talvez até bastante consultada por crianças, devido precisamente a esta particularidade da ilustração. Por outro lado, este texto pretende claramente incutir o orgulho nacional, valorizando a figura de Santo António e delineando o seu lugar no imaginário cultural português enquanto símbolo regenerador

⁵ Testemunhada em vários suportes, nomeadamente na ilustração, da autoria de Emmérico Hartwich Nunes (pintor, ilustrador e professor, nascido em 1888), que acompanha a página intitulada “Os Santos Populares de Lisboa”, publicada no jornal *ABC* de 14 de Junho de 1923, Ano II, nº 152, p. 3.

⁶ Francisco Pastor, desenhador e gravador de madeira, nascido em Espanha em 1850, fixou-se em Portugal e colaborou em várias publicações portuguesas como ilustrador.

da nação, ressentida e enfraquecida pelo humilhante Tratado Inglês. Urgia defender a raça portuguesa, glorificar os seus expoentes, internacionalizar os seus valores, e Santo António é tratado, a par de outras figuras nacionais de relevo, como Camões, como um ícone nacional com potencial para poder redimensionar Portugal no Mundo, sobretudo na Europa.

Em 1931, por ocasião do VIIº centenário da morte do santo, e pensado especificamente para o público infantil, Aníbal Nazaré preparou um conjunto de quadras de sabor popular intitulado *Santo António Milagreiro*, incluído na coleção “Biblioteca dos Pequeninós”. Tom⁷ ilustrou este número de homenagem com desenhos representativos dos milagres mais conhecidos, num traço simples mas revelador da forte marca iconográfica que, por um lado, seria reconhecida pelas crianças, e que, por outro lado, era desejável imprimir, num apelo ao sentimento nacionalista que se pretendia incutir ou fazer renascer nas camadas mais jovens.

Tendo subjacente um propósito similar, surge em 1932, aquando do VIIº aniversário da canonização do santo, *Vida Maravilhosa de Santo António de Lisboa*, escrita por Pedro Correia Marques e ilustrada igualmente por Tom, de forma muito semelhante. O autor do texto dedica aos filhos esta obra que definiu como uma biografia do santo, clarificando a preocupação didáctica e formativa que terá presidido à sua elaboração, apesar de aconselhar igualmente ao público adulto. Após esta apresentação e o índice que a segue, dá-se início à narração, coerentemente ilustrada com desenhos ingénuos, salientando o patriotismo, o espírito de Nação e a dimensão regeneradora da figura de Santo António, seguindo a linha de pensamento de Teixeira de Pascoaes ao procurar modelar *as almas juvenis para lhes imprimir os traços fisionómicos da Raça Lusíada* (Pascoaes, p.9). A profusão de ilustrações que enquadram Santo António em Lisboa e que apelam a vários símbolos de índole nacionalista denota a intenção destes textos que o apresentam como exemplo de virtudes a seguir e como emblema de identidade nacional reconhecido em todo o mundo, processo que, aliás, já se verificara anteriormente em épocas de crise de soberania⁸.

A década de trinta do século XX revelou-se bastante profícua no que toca à produção literária infantil em torno de Santo António, não só no campo da narrativa e da poesia, como também no âmbito do teatro. No domínio específico do teatro radiofónico, em 1938, Reinaldo Ferreira (NéorX), conhecido jornalista da época, publica o “episódio dramático em verso” intitulado *Milagre de Santo António*, com música de Maria José Figueiredo. Pelas gentis palavras iniciais dirigidas por Artur Lobo d’Ávila, sabe-se que esta peça chegou a ser interpretada ao microfone da Rádio Peninsular por crianças de dez a doze anos, tal como o autor determinara. Existe uma segunda edição, de 1945, na qual esta composição dramática recebe a designação de “peça campesina em verso”, integrada na “Coleção

⁷ Pseudónimo do pintor, desenhador, caricaturista e decorador Tomaz de Melo, nascido em 1906, ilustrador de várias obras de literatura infantil.

⁸ Foi durante o período de domínio filipino que Santo António emergiu como esperança da independência portuguesa. Acentuando-se esta dimensão simbólico-nacionalista, chegou a ser incorporado no exército português, onde viria a destacar-se nos confrontos peninsulares e, mais tarde, contra os franceses. Santo António progrediu na carreira militar, foi considerado patrono do exército e figura de destaque em vários regimentos (p.ex: Peniche, Cascais, Lagos). A 13 de Junho de 1934, o Papa Pio XI consagrou-o protector de Portugal. A faceta militar do santo teve também forte implantação em Angola, Moçambique, Guiné, Índia, Macau e, sobretudo, no Brasil.

de Teatro Infantil e Juvenil”. Esta segunda edição, apesar de manter o texto da edição anterior, acrescenta no início e no fim indicações cénicas mais precisas e inclui no final um apontamento com a disposição das figuras e com pormenores quanto à indumentária e caracterização das mesmas, o que leva a supor um aproveitamento deste texto para representação em palco. Há que assinalar que ambas as edições encerram com a pauta de uma marcha intitulada “Santo António” e de um vira intitulado “Ai!... Ai!... Oh!... Ai!...”. Porém, na segunda edição, a autoria da música é atribuída a O. Settimelli e não a Maria José Figueiredo, como acontece na primeira edição. Esta peça, em verso e com uma forte componente musical, que decorre em terra ribatejana na véspera do dia de Santo António, parte da tradição popular que confere ao santo o estatuto de milagreiro e casamenteiro, referindo-se também aos elementos característicos das festas em sua honra: bailaricos, flores, cantigas, fogueiras, alcachofras e poesia. Embora o título aponte para um milagre do santo, este acaba por concretizar dois milagres em cena. Primeiramente, vê-se obrigado a realizar o milagre da bilha⁹ para atestar a sua identidade, posta em causa por Rosinha, estupefacta perante a presença do santo junto de si. Seguidamente, esta jovem camponesa, já confiante, pede-lhe que cure a cegueira da sua avozinha, pedido a que o santo atende prontamente.

Fundamentada também num pedido de ajuda endereçado a Santo António por uma criança, em 1902 tinha já sido publicada uma peça, em um acto, intitulada *Carta a Santo António*, de Júlio de Menezes, com a indicação de que consiste numa imitação do italiano, sem que sejam adiantados mais detalhes quanto a esta circunstância. Esta peça foi estreada na noite de 3 de Dezembro de 1902, no Teatro do Ginásio, em Lisboa. Em 1931, na União Social Católica, foi possível assistir a outra representação desta peça que conta apenas com três personagens que se movimentam num ambiente de pobreza onde reinam a miséria, a tristeza, a honestidade e o amor entre mãe e filha, protegidas pela presença simbólica de um pequeno quadro de Santo António. Neste contexto, a filha de dez anos resolve escrever uma carta a Santo António pedindo-lhe ajuda para que faça aparecer o avô, pai do seu falecido pai, confiante que este resolveria todos os seus problemas. Assim que a criança acaba de escrever a carta, o avô bate à porta, dá-se o milagre e fica restabelecida a felicidade de todos. Santo António é uma presença constante através do quadro que o representa e da confiança que nele é depositada enquanto *amigo das crianças* (p. 8). Em 1940 foi publicada uma cópia desta peça com o título *Uma graça de S. António*, num arranjo de A. T., que respeita exactamente a delimitação das cenas, o perfil das personagens e o argumento, embora se verifiquem ligeiras alterações na apresentação das três personagens (nomes dos adultos e idade da criança), nas falas das personagens e nas indicações cénicas.

Ainda no campo teatral, deve-se referir a participação de crianças no teatro de revista e com um aproveitamento político anti-salazarista. Refiro-me ao quadro da revista *Não Faças Ondas*, de 1956, no qual João Villaret interpreta um Santo António que se lamenta da falta de boa vontade do povo em geral para lhe dar esmolas espontaneamente,

⁹ Com origem na tradição popular, o milagre da bilha consiste no milagre que o santo terá operado ao concertar a bilha de barro que uma jovem teria deixado partir quando estava na fonte, distraída e a pensar no seu namorado. Embora a introdução deste milagre associado ao santo seja recente, de meados do século XIX, pode-se contudo encontrar alguma relação com o milagre que o santo terá operado, ainda em vida, ao reconstituir um copo que a empregada de uma hospedaria teria partido ao ir buscar vinho à adega para servir o santo e um seu companheiro franciscano.

pelo que se vê obrigado a mandar avisos pelo correio para que as pessoas acabem por reconhecer a necessidade das suas contribuições para as obras, lembrando os milagres que opera. No entanto, este santo, carregado de conotações políticas, já não se dedica a consertar as bilhas das raparigas, tendo optado por arranjar tachos, e confessa que, mesmo quando pregou aos peixes, nunca se dirigiu aos peixes vermelhos, com os quais nunca quis conversas de espécie alguma. Aproveita-se também para aludir à política duvidosa do ministro da Defesa, Santos Costa, através do trocadilho conseguido com a expressão “dos santos gosta”. Este quadro celebrizado pelo actor João Villaret como solista e um grupo de crianças a acompanhar o refrão encontra-se registado na quarta faixa do trabalho discográfico intitulado *Procissão*, reeditado em 2001 pela Valentim de Carvalho.

Adoptando um tipo de linguagem mais próxima das crianças para realçar a grandiosidade de Santo António enquanto figura nacional, em 1955 António João Bispo publica *O Português de Alma Grande: Historiazinha de Santo António de Lisboa*, ilustrada por Marcelo de Moraes¹⁰. Para além da capa, este ilustrador preparou apenas três desenhos num traço já bastante moderno e que apresentam legendas que correspondem a passagens do texto. Esta narrativa biográfica do santo destaca alguns dos seus milagres mais divulgados, contando com a inclusão do *romance* “Santo António livrando o pai da força”, conhecido em todo o país com inúmeras versões. O episódio, difundido pelo *Liber Miraculorum*, relata o milagre que o santo terá operado quando, pregando em Pádua, se deslocou a Lisboa para salvar o pai de ser injustamente enforcado pela acusação de ter assassinado um vizinho. Este milagre tornou-se um dos mais populares e mais representados na iconografia e na literatura antonianas¹¹. Em 1964 é lançada uma segunda edição do livro de António João Bispo, que dedica igualmente aos seus pais, realizada por intervenção do serviço de escolha de livros para as bibliotecas junto das escolas primárias¹². *O Livro de Leitura da 4ª Classe* apresentava uma nota biográfica de Santo António a partir de um texto adaptado de Fortunato de Almeida, de acordo com determinações ministeriais que indicavam a pertinência da inclusão, nos livros escolares, de textos que evidenciassem a riqueza do património nacional, a exemplaridade da moral e a boa literatura.

Também numa linguagem nitidamente dirigida às crianças, Leyguarda Ferreira publica, em 1963, na “Colecção Manecas”, a *História Maravilhosa de Santo António*

¹⁰ Marcelo Eduardo Pires da Cunha Vitorino de Moraes, nascido em 1928, arquitecto e ilustrador, revelou, desde cedo, tendência para a BD.

¹¹ Note-se que um dos grandes sucessos de bilheteira do teatro português, entre meados do século XIX e a década de 30 do século XX, foi a peça, inspirada neste milagre, da autoria de António Xavier Ferreira de Azevedo e intitulada *Auto de Santo António livrando o pai do patíbulo*. Há que assinalar uma adaptação desta peça para teatro radiofónico, da responsabilidade de Maria Bela Jardim de Carvalho, que segue o texto, delimitando as cenas com separadores e adequando a linguagem a esta finalidade radiofónica, nomeadamente encurtando algumas falas mais longas. Esta versão não está datada nem inclui indicação quanto à sua difusão radiofónica, mas sabe-se que a autora, nascida em 1918 e falecida em 1998, desempenhou as funções de professora no Liceu Camões, em Lisboa.

¹² Em 1958 começam a funcionar as bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian. A partir de 1960, instaura-se a escolaridade obrigatória de quatro anos também para as raparigas, que se estendeu a seis anos a partir de 1964. Em 1968 deu-se início ao funcionamento do Ciclo Preparatório do Ensino Secundário.

Contada às Crianças, com sete desenhos de José Félix¹³ e capa de Amorim¹⁴. A narrativa estabelece-se através de um diálogo entre um menino, o Fernandinho, e a sua avó, que lhe conta alguns dos milagres de Santo António para que a criança conheça um pouco melhor a grandiosidade do santo e compreenda as tradições que envolvem os festejos do 13 de Junho, já que a acção se inicia com os preparativos para o arraial, no qual não faltam os balões, a fogueira e o trono.

Em 1971, João Maia publica *Santo António de Lisboa*, na “Colecção Vidas de Santos”. Trata-se de um texto que conta a vida e alguns milagres do santo, rico em ilustrações bastante estilizadas de Émile Probst. Devido, provavelmente, à escola em que a ilustradora se inscreve e à tradição belga no campo da BD, e muito particularmente da BD hagiográfica, as ilustrações coloridas e expressivas acompanham a par e passo o texto que privilegia a imagem. Torna-se, assim, um marco importante na literatura antoniana infantil, na medida em que o elemento pictórico conquista protagonismo através da cor, da dimensão e da profusão das ilustrações incluídas.

A imprensa dirigida às crianças revelou-se pioneira no uso da ilustração colorida e desempenhou um papel fulcral na divulgação da imagem de Santo António no universo infantil. A título exemplificativo, refiro algumas ocorrências em dois jornais da responsabilidade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina: *Lusitas* e *Fagulha*, que se propunham contribuir para a formação cívica, moral e religiosa. Desde a década de quarenta até ao início dos anos setenta, Santo António foi uma presença assídua nestas publicações, cumprindo objectivos diversos. A primeira página do nº 197 de *Lusitas*, de 15 de Junho de 1953, pretende contribuir para o enriquecimento dos conhecimentos dos seus leitores acerca dos três santos populares, propondo um jogo: a partir de nove desenhos que ilustram alguns dos passos importantes da sua biografia e da sua taumaturgia, os leitores identificam a qual dos santos se referem. Este exercício, apenas exequível caso as crianças já possuíssem alguma informação neste campo, leva-nos a crer numa presença efectiva destes santos no imaginário infantil da época. O nº 267 do mesmo jornal, de 30 de Maio de 1956, nas páginas 4 e 5, apresenta informações sobre os festejos populares em honra de Santo António e a origem de algumas das tradições que lhes estão associadas, como o peditório e o concurso de tronos. O nº 10 de *Fagulha*, de 1 de Junho de 1958, nas páginas 6 e 7, ensina a executar arcos, festões e cravos de papel, e faculta a letra da marcha popular “Lá vai Lisboa”, estimulando uma participação mais activa das crianças nos arraiais populares. O nº 275 do mesmo jornal, de 15 de Junho de 1969, nas páginas 9 e 10, brinda os seus leitores com um texto, construído em dísticos de rima emparelhada, intitulado “O Chico do Bailarico”, da autoria de Ester de Lemos, com coloridos desenhos de Artur Correia¹⁵, que contam as aventuras muito atribuladas e divertidas vividas pelo protagonista num arraial, pondo em evidência as tradições lisboetas destes festejos. O aproveitamento ficcional da figura de Santo António começa a assumir grande relevância em várias histórias publicadas nestes jornais. Na verdade, Santo António vai surgindo em diversos contos, com maior ou menor destaque, mas sempre garantindo a felicidade das

¹³ José Manuel Félix, nascido em 1907, foi desenhador e aguarelista.

¹⁴ Ilustrador responsável pelas capas da “Colecção Manecas”, a partir de 1931.

¹⁵ Ilustrador e autor de BD nascido em Lisboa em 1932.

crianças, bem como a verdade e a justiça nas situações em que se envolvem. O nº 40 de *Lusitas*, de 8 de Junho de 1946¹⁶, nas páginas 2 e 3, inclui um texto intitulado “Cravos de Junho”, assinado por Madrugada e com duas ilustrações anónimas, que relatam um milagre do santo: uma menina muito doente curada pelo aroma de um cravo de papel de Santo António, símbolo da amizade que a unia à sua irmã que tudo fazia para que ela melhorasse. O nº 195 do mesmo jornal, de 27 de Maio de 1953, na página 7, implica Santo António na trama de um folhetim intitulado “O rapazinho da lenha”, publicado ao longo de vários números. Neste número, o santo entra na história ao ser invocado pelo protagonista (o menino da lenha) com a finalidade de ajudar um amigo (o Ruivo) que tinha tendência para roubar mas que se redimira após uma promessa que fizera ao santo, que surge sob a forma de imagem num nicho, interagindo com as personagens através de um sorriso. O nº 82 de *Fagulha*, de 1 de Junho de 1961, nas páginas 1, 7 e 10, publica uma história intitulada “Noite de Santo António”, sem indicação do autor e do ilustrador. São narradas as peripécias que uma menina alentejana muito pobre viveu, ao longo de uma noite de arraial, quando descobriu que em Lisboa existia Santo António e lhe explicaram todas as suas virtudes, sobretudo o facto de ajudar a recuperar objectos perdidos¹⁷, levando a menina a reencontrar a felicidade. O nº 346 do mesmo jornal, de 1 de Junho de 1972, nas páginas 8, 9, 12 e 15, volta a envolver o santo num texto com intenções moralizantes intitulado “O balão de Santo António”, assinado por Maria de Melo, com ilustrações anónimas. Esta história consegue ainda aliar a tradição lisboeta dos pátios e dos festejos populares à presença de dois gnomos que vivem uma grande aventura com o seu inseparável amigo e protagonista, o Zézinho.

Teríamos que esperar cerca de trinta anos até que voltasse a ser publicado um livro ilustrado dirigido ao público infantil. As alterações políticas vividas pela sociedade portuguesa a partir do 25 de Abril de 1974 fizeram-se sentir também na literatura infantil, abrindo caminho para a abordagem de assuntos até aí proibidos ou pouco tratados. Surgem então novas temáticas que vão ocupar os autores, os ilustradores e os leitores, como as questões sociais e ambientais, protagonizadas por novos heróis. Verifica-se o uso de uma linguagem mais próxima da realidade infanto-juvenil, que suscita formas de ilustração também mais apelativas que viríamos a encontrar na literatura antoniana infantil na década de noventa, através de trabalhos traduzidos. Em 1993, as Edições Paulistas publicam a tradução portuguesa de um original italiano sob o título *António de Lisboa* com desenhos coloridos, da autoria de Anna Curti, que geralmente ocupam uma página, e por vezes duas, para ilustrar os passos mais importantes da vida e da taumaturgia do santo. Em 1995, a Editorial Franciscana publica, também a partir de um original italiano, uma tradução intitulada *Santo António de Lisboa. Missionário Fora de Série*, que se revela bastante inovadora na ilustração da responsabilidade de Jordi Longaron,

¹⁶ A 16 de Janeiro de 1946, o Papa Pio XII proclamou Santo António Doutor da Igreja.

¹⁷ Embora se aluda indirectamente a um milagre operado pelo santo, ainda em vida, que consistiu em permitir que uma mulher recuperasse o cabelo que o marido lhe tinha arrancado por maldade, realça-se nesta história um dos principais motivos de invocação a Santo António, que reside na fama que tem de fazer reencontrar os objectos perdidos, roubados ou esquecidos, sendo por isso designado advogado das coisas perdidas. Esta devoção deriva do ofício litúrgico que Frei Julião de Spira lhe dedicou em 1235 e onde se pode perceber esta faculdade do santo, apesar das controvérsias quanto à tradução do texto original latino, que está na base de inúmeros resposos diferentes, rezados ao santo para que faça aparecer os objectos perdidos.

já que se apresenta em formato de Banda Desenhada. Mostrando uma modernização da linguagem em todos os sentidos, permite a ilustração do discurso directo através dos balões, combinando exclamações de foro religioso com expressões coloquiais, para relatar igualmente os principais episódios da vida e da taumaturgia do santo. Também em 1995, ano da celebração do VIIIº centenário do nascimento de Santo António, o Instituto de Inovação Educacional do Ministério da Educação, no âmbito do programa das comemorações, lança uma colectânea de textos que visavam servir de instrumento de apoio ao Concurso Escolar “Prémio de Santo António”, lançado em toda a rede escolar nacional em diversas modalidades. Pela mesma ocasião, a Juventude Antoniana do Porto lança também um Concurso de Jogos Florais, “Santo António de Lisboa”, ao qual concorreram muitas escolas. Transcrevo duas das quadras populares vencedoras criadas por alunos da Escola Preparatória Sá de Couto, em Espinho (p. 68):

*Ó meu rico Santo António,
Só te peço, com bons modos,
Que me ajudes a subir
As notas dos testes todos.*

Carlos Moreira – 7º C

*Ó meu rico Santo António,
Peço com amor profundo
Que ajudes as crianças
E dês paz eterna ao mundo.*

Frederico Godinho – 6º D

Estas iniciativas demonstram o reconhecimento que as diferentes instituições manifestam pela figura de Santo António e a popularidade que este continua a suscitar entre todas as camadas etárias, nomeadamente entre as crianças e os jovens.

Podemos considerar que a literatura antoniana tem incidido no relato da vida e da taumaturgia do santo. A literatura para crianças que toma a figura de Santo António raramente conseguiu afastar-se do carácter biográfico da narrativa, registando-se, no entanto, os casos de alguns textos mencionados e veiculados nos jornais, as peças de teatro referidas, bem como o conto “A Afilhada de Santo António” e o argumento do filme *O Afilhado de Santo António*, que lograram conceber enredos em torno da figura do santo, conferindo-lhe um estatuto mais ficcional.

É notória a quase absoluta necessidade de recorrer à ilustração quando se trata de livros e de publicações em jornais dirigidos à infância, tendência que se foi acentuando ao longo do último século, havendo que realçar o facto de ter sido na imprensa infantil que se verificou o início da ilustração colorida de Santo António. A evolução da ilustração encontra-se espelhada na evolução da ilustração dos textos infantis que visam a figura de Santo António. Da gravura à BD, passando pelo desenho a preto-e-branco e depois colorido, temos assistido ao crescente domínio da imagem sobre o texto. À medida que o tempo foi decorrendo, o texto foi delegando espaço e expressão à imagem, que foi conquistando relevância. Se nas estampas do final do século XIX a imagem do santo surgia de forma estereotipada, os trabalhos mais recentes representam-no com expressividade própria. A função referencial da imagem face ao texto dá lugar a uma dimensão mais criativa, contribuindo para a fixação da figura de Santo António no universo infantil. Note-se também que tem aumentado o número de imagens que representam Santo António ainda criança, numa ambivalência de atitudes que contribuem para uma identificação inicial do leitor com o herói: com comportamentos semelhantes a uma criança comum

no seu quotidiano (Émile Probst desenhou-o em contexto escolar, sentado numa carteira igual à de qualquer outra criança dos anos setenta; Anna Curti apresenta a mãe de Santo António a prepará-lo para ir à escola, enquanto ele segura um cão pela trela) ou realizando milagres (Tom, Anna Curti e Jordi Longaron desenharam-no a operar o milagre da bilha; José Félix, Anna Curti e Jordi Longaron ilustraram o milagre dos passarinhos¹⁸).

Como verificamos, os trabalhos mais recentes são da responsabilidade de autores e de ilustradores estrangeiros, nomeadamente italianos, tal como acontecia no final do século XIX e inícios do século XX, o que nos leva a inferir que, na actualidade, a figura de Santo António não suscita interesse entre os escritores e os ilustradores da literatura infantil¹⁹. Parece que apenas os pequenos leitores que seguem uma formação religiosa católica têm ao seu dispor literatura específica e direccionada sobre o santo. No entanto, entre a década de trinta e a década de setenta do século XX, muitos foram os autores e os ilustradores que encontraram em Santo António um meio para chegar às crianças, exprimindo-se em diferentes modalidades: poesia, narrativa, teatro, e até cinema. Santo António chegou a ser utilizado na imprensa infantil com fins comerciais e publicitários. O semanário *O Senhor Doutor*, em circulação entre 1933 e 1944 e conhecido como um *amigo que diverte, educa e instrui*, a partir do nº 54, de 24 de Março de 1934, e durante os dez números seguintes, publicou uns cupões com a imagem do santo destinados a serem recortados e coleccionados para posteriormente serem enviados para a redacção do jornal e sujeitos a sorteio. O público infantil aderiu a esta iniciativa, adquirindo regularmente este jornal e dando seguimento ao concurso, registando-se 849 concorrentes para vinte prémios. O impacto e a força dos jornais e das colecções na expansão da literatura infantil e enquanto factores de promoção de leitura fizeram-se sentir também na literatura antoniana, proporcionando uma maior divulgação da sua figura no seio do público mais jovem e ampliando, assim, a projecção da sua imagem no imaginário infantil.

Coube aos ilustradores um papel determinante neste processo, na medida em que souberam servir-se da iconografia conhecida de Santo António e moldá-la à medida do público infantil, sugerindo grande envolvimento. Um dos factores que muito tem contribuído para este apego entre Santo António e as crianças é o facto de a iconografia ter fixado a imagem do santo com o Menino Jesus ao colo, a partir do século XV. A par de outros elementos simbólicos que lhe são reconhecidos, a figura do Menino Jesus revela-se o mais estável emblema da iconografia antoniana que valoriza a lenda que relata o aparecimento do Menino Jesus junto do santo, difundida a partir do *Liber Miraculorum*. A inclusão da imagem da criança com objectivos religiosos, nomeadamente simbolizando o Menino Jesus, reconhecia-lhe características específicas como a inocência e a doçura, acentuando estas qualidades no santo. De facto, todos os livros aqui referidos mencionam este milagre e ilustram-no de forma muito cuidada. A maioria dos outros acontecimentos narrados e ilustrados fazem parte do conhecimento geral da vida e da taumaturgia do

¹⁸ Com expressão no romancelo popular da zona de Trás-os-Montes, este milagre terá sido operado pelo santo, apenas com a idade de oito anos, quando domou divinamente os pássaros que costumavam atacar as culturas agrícolas do seu pai. Atribui-se à tradição oral a origem deste milagre, que resulta provavelmente de uma contaminação de atributos, pois não consta em nenhuma das fontes históricas da vida do santo, mas faz parte do conjunto de milagres atribuídos a São Francisco.

¹⁹ Contrariamente ao que se verifica na literatura dirigida aos adultos, que tem contado com a publicação de alguns trabalhos, particularmente no domínio do teatro.

santo. A componente maravilhosa do milagre, aliada à linguagem verbal e pictórica adequada às crianças conseguem ir ao encontro dos seus interesses, levando-as a aderir a este tipo de textos e à figura do santo. Os ilustradores têm sido bastante consentâneos quanto aos episódios que têm tomado como motivo de trabalho: as cerimónias de ordenação de franciscano; a tempestade que encaminhou para Itália o barco que trazia Santo António de regresso a Lisboa; a sua vida de meditação; os eloquentes discursos do santo perante São Francisco ou movendo multidões de devotos, onde se destacam as crianças; a vitória da sua palavra de paz sobre a tirania; o momento da sua morte. Os milagres mais ilustrados são aqueles pelos quais é sobretudo conhecido, como o milagre do sermão aos peixes, o milagre da salvação do pai ou o milagre da mula²⁰. Verifica-se, naturalmente, a tendência de ilustrar alguns milagres mais relacionados com as crianças, percebendo-se, frequentemente, uma intenção moralizante: ressurreição do menino morto afogado; salvação do menino que caiu no caldeirão de água a ferver; recuperação do pé que um rapaz tinha cortado, após arrependimento, como forma de punição por ter agredido a sua própria mãe.

Conclui-se, então, que, ao longo do último século, a figura de Santo António serviu de tópico na literatura infanto-juvenil, em diferentes modalidades de discurso e de ilustração, capazes de captar a preferência do público mais jovem, delineando no imaginário infantil a imagem do santo que perdura na memória colectiva.

Referências Bibliográficas

- ▶ A. T. (1940). *Uma graça de S. António*. Braga: Tipografia das Missões Franciscanas.
- ▶ A. T. (1895). "A Afilhada de Santo António." *Revista Moderna do Semanário Ilustrado* (nº 17, pp. 269-271). Lisboa.
- ▶ ALMEIDA, F. (s.d.). "Santo António." *Livro de Leitura da 4ª Classe* (p.29). Porto: Editora Educação Nacional.
- ▶ BARRETO, A. G. (2002). *Dicionário de Literatura Infantil Portuguesa*. Porto: Campo das Letras.
- ▶ BISPO, A. J. (1955). *O Português de Alma Grande: Historiazinha de Santo António de Lisboa*. Lisboa: Igreja-Casa de Santo António.
- ▶ BOAVENTURA, F. F. de S. (1830). *Vita et miracula S. Antonii Olisiponensis ab anonymo sed Ordinis minorum conscripta* (tradução e edição bilingue latim/português). Coimbra: Typographia Académico-Regia.
- ▶ BRAGA, T. (1867). "Romance de Santo Antonio e a Princeza." In *Cancioneiro e Romanceiro Geral Português* (Vol. III, p. 210). Porto: Typographia Lusitana.

²⁰ O milagre da mula, também conhecido como milagre da adoração da eucaristia, introduzido pela *Legenda Benignitas*, consiste no milagre que o santo terá operado quando quis converter um infiel e demonstrou que até a sua mula, que tinha sido deixada sem comida durante bastante tempo, preferia seguir a palavra de Deus que comer um bom fardo de palha.

- ▶ BRITO, F. T. (1894). *Vida e Milagres de Santo António de Lisboa*. Lisboa: Companhia Nacional Editora.
- ▶ COELHO, A. (1985). "A Afilhada de Santo António." In *Contos Populares Portugueses* (pp. 136-139). Lisboa: D. Quixote. (1ª edição: 1879)
- ▶ COELHO, A. (1998) *Em Louvor de Santo António de Lisboa*. Lisboa: Igreja-Casa de Santo António.
- ▶ FERREIRA, L. (1969). *História Maravilhosa de Santo António Contada às Crianças*. Lisboa: Edições Romano Torres.
- ▶ FERREIRA, R. (NéorX) (1938). *Milagre de Santo António*. s.l. s.e..
- ▶ FERREIRA, R. (NéorX) (1945). *Milagre de Santo António*. Lisboa: Papelaria Fernandes.
- ▶ LISBOA, F. M. (2001). *Vida, Doutrina e Gloriosas Obras do Padre Sancto Antonio de Padua*. In Centro Interuniversitário de História da Espiritualidade da Universidade do Porto (organização, introdução e índices), *Crónicas da Ordem dos Frades Menores*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto. (1ª edição: Lisboa, em casa de Ioannes Blavio de Colonia, 1557).
- ▶ MAIA, J. (1971). *Santo António de Lisboa*. Lisboa: Verbo.
- ▶ MARQUES, B. F. da C. & COURACEIRO, M. J. (1995, org.). *Prémio de Santo António. Concurso Escolar*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional do Ministério da Educação.
- ▶ MARQUES, P. C. (1932). *Vida Maravilhosa de Santo António de Lisboa*. Lisboa: Edições Cephias.
- ▶ MATTOS, A. (1937). *Santo António de Lisboa na tradição popular (subsídio etnográfico)*. Porto: Livraria Civilização.
- ▶ MENEZES, J. (1902). *Carta a Santo António*. Lisboa: Deposito-Livraria Bordalo.
- ▶ NAZARÉ, A. (1931). *Santo António Milagreiro*. Lisboa: Tip. da Empresa do Anuário Comercial.
- ▶ PASCOAES, T. (1998). *Arte de Ser Português*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- ▶ RENARD, J. B. (1986). *Bandes Dessinées et Croyances du Siècle*. Paris: Presses Universitaires de France.
- ▶ ROCHA, N. (2001). *Breve História da Literatura para Crianças em Portugal*. Lisboa: Editorial Caminho.
- ▶ SANTOS, F. & LOPES, C. (1956). *Não Faças Ondas*. Texto policopiado.
- ▶ VEIGA, E. (1870). "Lenda de Santo António e a Princeza." In *Romanceiro do Algarve* (pp. 174-178). Lisboa: Imprensa de Joaquim Germano de Sousa Neves.
- ▶ VEIGA, E. (1757). *Verdadeira noticia de hum famoso caso succedido na Rua dos Canos desta cidade, ou relação de huma mercê que o inclito Santo Antonio fez a huma sua devota, livrando-a, como piamente se crê, de hum perigo inevitavel, que certamente lhe succederia a lhe não valer a protecção deste Santo Portuguez*. Lisboa: Officina junto a S. Bento de Xabregas.

Obs.: As publicações periódicas encontram-se indicadas no corpo do texto.